



Os ciganos são vizinhos dos cem migrantes, mas estão em situação melhor e têm até carro

Migrantes ocupam área na entrada de Sobradinho

JORNAL DE BRASÍLIA 14 SET 1993

A busca de uma vida melhor, com moradia própria, fez nascer mais uma invasão na área próxima à segunda estrada de Sobradinho. Cerca de 100 migrantes estão acampados em condições miseráveis no local, que fica entre duas pistas com grande fluxo de veículos. São barracos feitos com papelão e lona encontradas no lixo. No lado direito da pista, que dá acesso à cidade-satélite de Planaltina, também se encontra um grupo de 50 ciganos que improvisou barracos de camping e trouxe até carros.

Segundo a assessoria de imprensa da Secretaria de Desenvolvimento Social e Ação Comunitária, a secretária Maria do Barro esteve ontem de manhã na área e determinou à Fundação de Serviço Social,

da qual ela também é presidente, o estudo das condições de cada família. Com isso, a secretaria irá tomar as providências urgentes. "Os ciganos são livres porque estão de passagem", informou a assessora de imprensa, Cleide Garcia.

O pedreiro Pedro Alves, por exemplo, trouxe a esposa e três filhos de Sergipe, na esperança de encontrar um emprego e uma casa para morar na capital do País. "O meu compadre me disse que aqui se ganhava lote", explicou. A família consegue água em um posto de gasolina próximo ao local. A esposa de Pedro, Ângela Maria, cozinha alguns alimentos doados pelos transeuntes em fogão de lenha. Um dos filhos do casal não possui nenhum

dedo no pé esquerdo devido a queimaduras.

Diariamente, Ângela atravessa a pista com os filhos para mendigar em Sobradinho. "As crianças sabem que não podem atravessar a rua sozinhas", disse ela. Eles, como os demais migrantes do local, acreditam que tudo irá melhorar. "Não vou voltar para a miséria que eu estava", garantiu Pedro.

Já os ciganos, que possuem autorização para ficar na área, devido a sua vida nômade, estão em busca de atendimento médico nos hospitais da cidade. Um deles, que não quis se identificar, afirmou que sobrevive graças à venda de confecções de roupa do Nordeste. "Em menos de um mês sairemos daqui", garantiu.